

**Café com quê?!**  
**- Uma análise sobre práticas semi-públicas de sociabilidade em espaços/  
tempos “intermediários” da Baixa portuense\* -**

Virgílio Borges Pereira

“(…) Penso que também o conheceu. Pelo menos frequentavam os mesmos cafés. Sim, disse ele, mas em mesas diferentes. Os nossos objectivos, de resto, eram diferentes. A rapariga riu-se (…)”.

in Nuno Júdice - *Adágio*

## **1. Introdução**

A prática de frequentar locais, à partida, vocacionados para a venda e consumo de bebidas é uma das mais antigas do Ocidente e, ainda hoje, uma das mais correntes nas (fortemente privadas) práticas de lazer dos portugueses, em geral, e dos portuenses, em particular.

No texto que aqui nos ocupa, procuraremos estabelecer as principais coordenadas analíticas susceptíveis de serem elaboradas tendo por horizonte as sociabilidades que caracterizam estes locais. Assim, e inscrevendo esta análise num registo que tem o quotidiano dos agentes sociais que vivem a Baixa portuense como dimensão teórica principal, procuraremos situar a génese social das principais configurações sociabilitárias que têm estes locais como palco activo e específico, tendo em conta que estes possuem, enquanto terrenos de mediação social, propriedades que os tornam alvo

---

\* O presente texto é uma sistematização analítica dos elementos teóricos e metodológicos que tivemos ocasião de reunir ao longo de três pesquisas de terreno sobre práticas de sociabilidade (desenroladas entre 1988 e 1993) em que os locais aqui em estudo tiveram um papel preponderante. Uma primeira versão deste texto foi apresentada na Vª edição das Noites de Sociologia do Porto, numa sessão dedicada às *fronteiras do quotidiano*. Uma segunda versão foi discutida no *Seminário Práticas e Políticas Culturais nas Autarquias* do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob

privilegiado de uma análise de pendor estrutural. Por outro lado, e fazendo apelo à teorização mais geral do fenómeno, entretanto delineada, procuraremos aplicar, de uma forma mais fina, à Baixa da cidade do Porto os resultados analíticos sistematizados, dando conta, na medida do possível, de algumas das mudanças e reproduções a que as práticas em análise têm estado sujeitas.

O produto final deste pequeno trabalho poderá, assim, ser lido como um esforço de tipificação das configurações sociabilitárias assumidas e reproduzidas nestes locais, razão pela qual se deverão reter as limitações a que os resultados finais conseguidos estarão sujeitos. Mais do que uma síntese final, este pequeno texto deverá ser lido como uma abertura de pesquisa.

## **2. Os contornos da análise**

Nos quotidianos - onde, sob os efeitos dos trabalhos de, entreoutros, H. Lefébvre (1968) e de M. de Certeau (1990), se terá começado a ver mais do que a mera reprodução da banalidade e do heteróclito inconceptualizável<sup>1</sup>- existem terrenos que, pela conjugação das suas propriedades, ilustram, da melhor maneira, as sucessivas mediações de que as práticas sociais são constituídas, permitindo, igualmente e de um ponto de vista analítico, a abolição das falsas antinomias que, vezes demais, servem para analisar e caracterizar o social.

---

orientação do Professor José Madureira Pinto. A versão que aqui apresentamos deve bastante às sugestões que encontrámos em cada um dos locais em que foi discutida.

<sup>1</sup> Uma excelente exemplificação do modo como a sociologia pode operar no domínio do quotidiano pode obter-se em Pais (1993: pp. 105-115). Uma avaliação das principais propostas da sociologia da vida quotidiana pode obter-se em Wolf (1982). Contribuição inegável para a renovação deste domínio de análise é a da escola interaccionista; sobre o trabalho dos seus principais autores confrontar ainda Queiroz e Ziotkovski (1994).

Os locais<sup>2</sup> de venda e consumo de bebidas possuem essa característica específica, uma vez que a configuração das sociabilidades neles presente - e esta óptica é aquela que por nós é privilegiada na análise daqueles - é o produto da relação entre *posições* e *disposições* sociais accionadas na prática pelos agentes seus (re)produtores (o que nos coloca longe de horizontes individualistas, substancialistas e mecanicistas na procura de explicações/ compreensões da realidade social).

Na linha de Norbert Elias, as práticas de sociabilidade que decorrem do acto de frequentar estes locais devem ser analisadas no âmbito da participação em actividades de “ ‘lazer-comunitário’ relativamente informal, com um nível emocional manifesto e amigável consideravelmente acima de outras actividades de tempo livre e de trabalho” (1992: p. 148). Reter, então, a dimensão “intermediária” entre a família e o trabalho (Rémy e Voyé, 1974: p. 102) que o lazer nestes locais - que, obviamente, conceptualizamos como espaços/ tempos<sup>3</sup> - consagra, não pode deixar de salientar o seu carácter semi-público<sup>4</sup>, dotado, por força das fronteiras sociais que funcionam como

---

<sup>2</sup> A expressão *local* encontra a sua génese no conceito de “locale” de A. Giddens, que se refere ao “uso do espaço que produz os quadros de interacção”, sendo as propriedades destes últimos “empregadas de um modo crónico pelos agentes na constituição dos encontros ao longo do espaço e do tempo”, o que permite a sua definição como “estação de co-presença” para a qual a *disponibilidade* de presença dos agentes e das propriedades do quadro de interacção contribui de um modo efectivo (Cfr. Giddens, 1984: pp. 118-119). Assim, e sistematizando o trabalho sobre o conceito de Giddens, com recurso ao trabalho de Brian O’Neil, podemos afirmar que “a ideia de *locale* parece incorporar todas as três linhas de significado da palavra lugar - o do espaço físico, o do corpo humano e do espaço social de posições ocupadas como cargos ou profissões. Por incorporar o elemento tempo no conceito de life paths ou trajectórias, podemos perspectivar qualquer lugar concreto espacial como ponto de intersecção simultaneamente quotidiano (no sentido de um sítio momentânea ou simultaneamente apropriado) e temporalmente alongado (no sentido de uma localidade que é atravessada por diversos indivíduos, diferencialmente, no decurso das suas biografias). Assim, a ideia de domínios espaciais (*domains*) complementa a de *locale* por sugerir o movimento de trajectórias de vida dentro de locais de interacção que possuem várias formas de demarcação espacial. (...) Os vários fios de sentido de lugar convergem na ideia de *locale*, que se nos apresenta como a chave analítica numa perspectiva teórica de grande alcance - ao mesmo tempo ‘micro’ e ‘macro’ nas suas implicações - que dá conta da multiplicidade de apropriações sociais do espaço” (O’Neil, 1991: p. 161).

<sup>3</sup> “Uma *espacialidade*, quer dizer uma lógica espacial própria a um grupo, a uma sociedade, caracteriza-se nomeadamente pelas suas relações com o tempo. Daí o interesse em captá-las e de avaliar a importância respectiva do tempo e do espaço, que varia segundo as sociedades e as culturas” (Depaule, s/ d/: p. 119).

<sup>4</sup> A nossa argumentação segue, neste domínio particular, o trabalho citado de J. Rémy e L. Voyé. Sobre o mesmo assunto, ainda que no âmbito de uma classificação de práticas culturais produzida com o fim da avaliação de políticas de animação cultural, podemos consultar o trabalho de J. Madureira Pinto, para

barreiras ao acesso ao seu interior - que vão do custo da despesa a fazer até aos limites sociais impostos pelo “reservado o direito de admissão” - , de um estatuto diferente da esfera pública e da esfera privada.

De um ponto de vista processual, a nossa investigação passou pela construção de um conjunto de tipos - mais *reais* do que *ideais*, se quisermos complementar a terminologia de Max Weber com a de Norbert Elias<sup>5</sup> - onde procuramos conjugar e relacionar as principais *propriedades estruturais* (Anthony Giddens (1984: pp. 16-37)) de cada um dos espaços/ tempos intermediários identificados. Reunimos, assim, elementos que resultaram na estruturação de quatro grandes núcleos de propriedades.

Uma primeira propriedade envolve a *localização na cidade* de cada um dos espaços/ tempos e diz respeito ao modo como a *regionalização*<sup>6</sup> dos encontros aqui em causa se realiza *à frente* (quando os espaços/ tempos em causa são socialmente *visíveis*) ou *atrás* (o apagamento e progressiva invisibilidade que se gera em torno das práticas sociais que caracterizam determinados locais, transformados, por essa via, em locais de decadência física e social, face aos quais determinadas classes mantêm uma atitude de distância social e física): “o espaço social reificado (quer dizer fisicamente realizado ou objectivado) apresenta-se assim como a distribuição num espaço físico de diferentes espécies de bens e de serviços e também de agentes individuais e de grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente) e dotados de possibilidades de apropriação desses bens e desses serviços mais ou menos importantes (em função do seu capital e também da distância física a esses bens, que depende

---

quem as sociabilidades aqui em análise deverão ser colocadas no interior do que qualifica como *espaço colectivo* “reservado” (Cfr. Pinto, 1994: pp. 767-792). Uma ilustração do modo como contextualizamos estas práticas no interior do espectro do tempo livre pode encontrar-se em Pereira (1994b: pp. 346-349).

<sup>5</sup> Para quem as “interdependências sociais análogas” que produzem determinadas práticas e instituições sociais são reais e não apenas elaborações do pensamento (Cfr. Elias, 1990: pp. 268-269).

<sup>6</sup> “A ‘regionalização’ deveria ser entendida não como mera localização no espaço mas também como se referindo ao zoneamento do tempo-espaço relativamente às práticas sociais rotinizadas” (Giddens, 1984:

também do seu capital). É na relação entre a distribuição dos agentes e a distribuição dos bens no espaço que se define o valor das diferentes regiões dos espaço social reificado” (Bourdieu, 1992: p. 161).

Uma segunda propriedade diz respeito à configuração específica do espaço/ tempo e ao modo como aqueles que lhes dão a primeira realidade e imagem - os proprietários -, o constroem, quer dizer, à forma como investem na sua dimensão propriamente espacial - a decoração, a disposição do mobiliário (que, progressivamente, atribuem uma determinada marca ao espaço e aos seus produtores) -, mas também ao modo como organizam a sua dimensão temporal - os horários de abertura, os dias privilegiados de trabalho -, retendo o investimento nestas dimensões como produto de um *interesse* determinado socialmente e que radica na lógica de um campo do social - o que faz apelo a uma análise da produção dos espaços/ tempos em causa exercida no âmbito do campo das classes sociais. Num primeiro momento, será neste domínio - o do investimento numa configuração determinada e determinante de espaço/ tempo - que poderemos encontrar a gênese do horizonte de práticas de sociabilidade possível em cada um dos espaços/ tempos. Como decorre da noção de investimento - que definimos, tal como Bourdieu, enquanto “(...) propensão a agir que nasce da relação entre um campo e um sistema de disposições ajustadas a esse campo, um sentido do jogo e dos seus *enjeux* implicando ao mesmo tempo uma inclinação e uma aptidão para jogar o jogo, que são um e outro socialmente e historicamente constituídos e não universalmente dados” (Bourdieu e Wacquant, 1992: p. 94) - será através da forma como os proprietários de cada um dos espaços/ tempos se interessam e participam na maximização dos lucros por eles pretendidos - que são económicos, mas que não se reduzem necessária e

---

p. 119). Sobre a interpretação que fazemos dos diferentes modos de regionalização, tal como Giddens os define, confrontar Pereira (1994b: pp. 242-244).

exclusivamente a eles - que poderemos avaliar a posição ocupada por cada um destes espaços/ tempos nas hierarquias de poder material e simbólico de que, obrigatoriamente, fazem parte.

Quanto à terceira das propriedades por nós identificadas, ela passa pelo modo de *apropriação e relacionamento*<sup>7</sup> que se estrutura no interior de cada um dos espaços/ tempos enquanto locais regionalizados de interações, ou seja, enquanto *estações de co-presença*, tornando viável uma análise da sua *contextualidade*, definida, recorrendo aos termos de P. Bourdieu, pela héxis corporal dos agentes que protagonizam os seus quotidianos - proprietários, empregados e “clientes” (o que nos remete para a análise da sua estruturação social) -, mas também pela utilização que os agentes fazem das propriedades do quadro de interação em que se envolvem.

Segundo Brian O’Neil, “as coordenadas do tempo e do espaço (...) formam uma espécie de palco animado (não estático) composto por inúmeras ‘estações’ ou pontos espaciais de encontro social nas quais se passam, em diversas direcções, as trajectórias dos indivíduos nas suas acções quotidianas” (1991: p. 160). Atente-se, por outro lado e tal como assinala A. Firmino da Costa, que as propriedades dos quadros de interação são não só estruturadas como também estruturantes (1984: p. 27). Deste modo, a análise da contextualidade dos encontros nestas estações não poderá deixar de captar quer as modalidades da apropriação pelos agentes dos quadros de interação, quer ainda as estruturas sociais incorporadas dos agentes que, e como diria Giddens, encontram nestes locais “um sítio onde parar”. Corolário lógico desta proposta analítica, a identificação dos *protagonistas e produtores das sociabilidades* de cada um dos espaços/ tempos “intermediários”, remete-nos para as relações de homologia e de diferenciação que

---

<sup>7</sup> O entendimento que fazemos da noção de apropriação pode encontrar-se explicitado em Sansot (1980: pp. 501-510).

explicam não só a produção do espaço/ tempo - por parte dos proprietários -, mas também a produção das sociabilidades - entre proprietários, empregados e clientes.

Estamos, deste modo, colocados perante uma proposta de análise em que as práticas de sociabilidade são conceptualizadas como parte integrante de *estilos de vida*<sup>8</sup>. O nosso esforço específico passará por ensaiar uma análise da relação que cada uma das propriedades mantem entre si, com o fim de identificar os tipos principais de espaço/ tempo intermediário de carácter semi-público por aquelas configurado na Baixa da cidade do Porto.

### **3. *Tabernas, cafés, snack-bares*: formas clássicas de conceptualização sociológica dos espaços/ tempos “semi-públicos” intermediários**

A análise que a sociologia tem dedicado às práticas de sociabilidade características dos locais de venda e consumo de bebidas tem destacado a estruturação de três grandes tipos de espaços/ tempos, normalmente reunidos sob as designações de *tabernas, cafés e snack-bares* e retratados não só como dotados de configurações sociais particulares, mas também como produtos históricos de lógicas sociais definidas de forma distinta e em luta.

As *tabernas* são um dos espaços/ tempos semi-públicos que mais longe têm a sua existência reconhecida na história da humanidade (segundo Heródoto, terão sido os

---

<sup>8</sup> “Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adopta, não só porque essas práticas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (Giddens, 1994: p. 73). “Os estilos de vida são assim os produtos sistemáticos dos habitus que, percebidos nas suas relações mútuas segundo os esquemas dos habitus, tornam-se sistemas de signos socialmente qualificados (como ‘distintos’, ‘vulgares’, etc.). A dialéctica das condições e dos habitus está na origem da alquimia que transforma a distribuição do capital, resultado de uma relação de forças, em sistema de diferenças percebidas, de propriedades, ou seja em

lábios a inventá-las (Cfr. Díaz, 1991: p. 89) ), revestindo-se esse reconhecimento de contornos que se estabilizam em torno do *beber tabernal*, inevitavelmente associado ao consumo - sempre polémico - de álcool. Como assinala Pedro de Andrade - sendo nisso acompanhado por outros investigadores<sup>9</sup> - “o beber da taberna é paralelo e indissociável de numerosas actividades, práticas e tácticas de natureza económica, social, política e ideológica, de maneira muito mais intensa do que noutros locais de venda de vinho a retalho” (1989: p. 242), definindo-se a configuração das suas sociabilidades como uma prática que, a partir do século XVIII, “evolui no sentido de uma deserção progressiva das classes dominantes na qualidade de proprietários e frequentadores até à identificação quase mimética da tasca com as classes populares” (Idem).

As práticas de sociabilidade da taberna, profundamente masculinizadas<sup>10</sup>, erigem-se em torno do beber, perante o qual as classes populares - protagonistas destas sociabilidades - mantêm uma atitude dotada de alguma ambiguidade<sup>11</sup>: “por um lado, está certo beber, por outro, a bebida não pode passar a ser mais forte do que a pessoa, quando não os resultados traduzem-se na ruína da sua pessoa e da sua família (...)” (Hoggart, 1973: p. 115). Contudo, esta mesma ambiguidade não é encontrada noutras classes, e será por força dos estigmas associados ao excesso vivido no consumo de bebidas que se assistiu e assiste a todo o tipo de movimentos - mais ou menos higienistas - orientados para a abolição potencial do espaço da taberna.

---

distribuição de capital simbólico, capital legítimo, desconhecido na sua verdade objectiva” (Bourdieu, 1979: p. 192).

<sup>9</sup> Confrontar a propósito o trabalho de Joaquim Pais de Brito sobre a taberna rural, para quem, com a escolha de um tal objectivo de análise, se pretende “mostrar como nela se espelham e revelam estruturas e formas de organização local, homogeneidades e diferenciações ou desigualdades entre os habitantes que dela são clientes e se exprimem dimensões da temporalidade da aldeia no que esta tem de universo auto-centrado e na diversidade das suas ligações com o exterior” (1991: p. 176).

<sup>10</sup> “Lugares de consumo, mas sobretudo décors privilegiados de encontros entre homens, as tabernas são um ‘lugar alto’ na vida do bairro. A taberna, reservada aos homens, faz contraponto ao apartamento que permanece o domínio da mulher” (Nochis, 1984: pp. 102-103).

<sup>11</sup> Sobre esta ambiguidade e o modo como esta se exprime em meios populares, confrontar, no contexto próximo das associações recreativas de Lisboa, o trabalho de Cordeiro (1991: pp. 201-221).

Estruturadas em torno do *beber em companhia* (Bourdieu, 1979: p. 204) - que, pela importância que nele encontra a conversa, quantas vezes transgressiva e plena de brincadeiras<sup>12</sup>, é também um *beber interactivo* (Andrade, 1991: p. 272) - as sociabilidades tabernais são fruto da estruturação de processos de interconhecimento (que envolvem o território que a circunda<sup>13</sup> e que encontram no taberneiro - promotor das dinâmicas de reciprocidade e de redistribuição<sup>14</sup> - um dos seus principais protagonistas): como afirma Pierre Sansot, “(...) neste lugar de dimensões reduzidas, de familiaridade permanente, uma derrota, um golpe duro não pode dissimular-se (...). O amor próprio, a violência das reacções não estão aqui para nos surpreender. Elas convêm a este universo viril que perpetua, sem o saber, os valores da escola dos rapazes” (1970: p. 14).

Não menos importantes nestas sociabilidades (marcadas pelo beber em companhia, a que se acrescenta progressivamente o comer em companhia - ambos produtos e produtores do interconhecimento), são, para além da música e das canções<sup>15</sup>, as actividades de jogo: com efeito, “cada taberna abriga mesas de jogar às cartas ou bilhar. É nomeadamente em torno destas mesas que a identidade dos homens em relação

---

<sup>12</sup> Encontra-se aqui “a arte tipicamente popular da brincadeira, arte de tudo levar na brincadeira (daí os *fora de brincadeiras* (...), através das quais se marca o regresso às coisas sérias e que podem introduzir uma brincadeira de segundo grau), mas também a arte de fazer e dizer brincadeiras, de que o gordo bem disposto é a vítima designada (...)” (Bourdieu, 1979: p. 204).

<sup>13</sup> “(...) na taberna circulam agentes mediadores locais que organizam a vida material e simbólica dos habitantes de uma rua, de um bairro, de uma aldeia ou de uma cidade, por meio de práticas de mediação próprias, no âmbito do seu dia-a-dia de base ou no quadro da excepção ao seu quotidiano mais estável” (Andrade, 1991: p. 272).

<sup>14</sup> “(...) o tasqueiro intervem, por vezes, na dinâmica da *reciprocidade* - prática intercomunicadora que postula e veicula uma relação de igualdade (relativa) de deveres e de direitos entre os agentes sociais nela participantes - por meio de dádivas de vinho ou petisco e trocas com os clientes, de um lado transacções comerciais (...), de outro, simbólicas (...). Outras vezes, o taberneiro exerce a *redistribuição* - prática mediatizante baseada na relação desigual de cedência de bens e serviços por parte de agentes com mais recursos àqueles mais desfavorecidos - sob a forma de *fiado* concedido aos clientes da taberna, ouseja, uma tática local de resistência sócio-económica que se transforma, posteriormente, em sistema pré-capitalista de créditos” (Andrade, 1991: p. 272).

<sup>15</sup> Sobre a importância das canções nos pubs e nos clubes populares de Inglaterra confrontar Hoggart (1973: pp. 179-201). Sobre o papel desempenhado pelas tabernas e colectividades populares de Alfama na afirmação da identidade do fado local, confrontar Costa e Guerreiro (1984: pp. 44-96).

ao bairro tem uma ocasião de se alimentar. (...) É uma série contínua de acontecimentos que se repete com as novidades próprias do jogo, mas que tem notoriamente por efeito reforçar o sentimento de comunidade, de pertença ao grupo com as simpatias e as inimizades que acompanham estes encontros. Os jogos são também a ocasião de discutir os problemas de vizinhança, de comentar os outros acontecimentos do bairro, para além de assuntos de actualidade política e desportiva” (1984: p. 103).

A conceptualização sociológica das sociabilidades tabernais tende, assim, a destacar, no interior de uma configuração social protagonizada pelas classes populares e onde avultam os constrangimentos impostos aos seus modos de habitar (vividos com intensidade no espaço público e semi-público, por força da exiguidade do espaço doméstico), a estruturação de um universo cultural “fechado” em torno de intensas vivências masculinas, em que o beber interactivo e em companhia e as actividades de jogo - a que se acrescentam, por vezes, actividades de cariz desviante, como a prostituição - têm um lugar central.

O carácter intermediário do *café* não pode deixar de ser entendido com base naquilo que historicamente representa a sua afirmação enquanto local de lazer: a expressão da necessidade da burguesia dos séculos XVII e XVIII, num movimento prolongado nos séculos seguintes, de possuir um lugar na cidade onde pudesse dar espaço não só à concretização de uma forma distinta de sociabilidade - onde, com base na afirmação do café como *bebida racional*<sup>16</sup>, a confusão e o excesso tabernais não se

---

<sup>16</sup> “Não nos contentemos em dizer que a chávena de café, ao contrário do vinho e da cerveja, implica a lucidez (...). O café (...) incita a um conhecimento de si mais distinto (...). Sobretudo a resolução de um problema apresenta-se como um longo caminho a percorrer, com etapas, reequacionamentos, verificação: as longas cadeias da razão” (Sansot, 1970: p. 15).

fizessem sentir<sup>17</sup> -, mas também à edificação e institucionalização de um terreno de discussão pública e política - longe do horizonte *semi-privado* das discussões aristocratas que a cultura de corte e de salão consagraram (cfr. Habermas, 1984: p. 45). É, de resto, na luta contra o fechamento social a que a cultura de salão dá origem<sup>18</sup> que a afirmação do café como espaço/ tempo de sociabilidade alternativo irá buscar um dos motivos mais importantes da sua configuração social (que contribui decisivamente para a definição do seu estatuto semi-público), referimo-nos “(...) a uma espécie de sociabilidade que pressupõe algo como a igualdade de status (...). A paridade, cuja base é tão somente que a autoridade do argumento pode afirmar-se contra a hierarquia social” (Idem: p. 51).

Com a afirmação da sociedade capitalista, o café associa-se à emergência e manutenção do direito de iniciativa privada e do direito à reunião (Rémy; Voyé, 1981: p. 81) sistematizado no conteúdo político e cultural daquilo que Habermas (1974) qualifica como *esfera pública burguesa*, de que as tertúlias literárias que decorrem e nascem no café são um dos exemplos mais apurados - um processo bastante visível no modo como alguns cafés se vêem transformados em locais onde os artigos de jornal são não só “transformados (...) em objecto de discussões, mas também entendidos como parte integrante deles [público dos cafés]” (Habermas, 1974: p. 59).

Espaço/ tempo onde se realiza um investimento material e simbólico que recorre a formas consagradas de “cultura cultivada” - basta verificar o estilo artístico e arquitectónico de muitos -, os cafés e as suas vivências devem assim ser interpretados no âmbito da afirmação de um processo de *estatutarização social* - consagrado na

---

<sup>17</sup> Em Espanha, por exemplo, “Os intelectuais iluministas celebram o café como estabelecimento benemérito que regenerará os costumes e que dará guerra feroz às tabernas, como antros de perdição” (Díaz, 1991: p. 139).

expressão *vida de café* - baseado num lazer em que a leitura e a conversa são práticas centrais, mas onde também terão parte divertimentos que, por força do *moralismo* reinante, rapidamente terão sido qualificados como mais mundanos<sup>19</sup>.

Por outro lado, se no plano dos princípios é edificada uma fórmula tendencialmente igualitária, convirá, contudo, verificar que o café é um local onde, mesmo assim, durante muito tempo só alguns terão acesso privilegiado: para além de ser, na sua forma original, um espaço/ tempo onde apenas se encontram homens, não poderemos esquecer que também só recentemente os cafés terão aberto efectivamente as suas portas a classes sociais diferentes da burguesia e das pequenas-burguesias<sup>20</sup>.

A análise sociológica sobre os cafés tende, então, a salientar a dimensão “organizada” - progressivamente traduzida numa apropriação individualizada do espaço/ tempo<sup>21</sup> - de que as sociabilidades que o têm como quadro assumem - sobretudo quando comparadas com as da taberna - e, simultaneamente, a estruturação de uma vida de café marcada pela discussão, quer dizer, alicerçada na conversa, por vezes transformada, em virtude da afirmação do café como estação de co-presença, em terreno de discussão política e cultural. Com o tempo, a análise sociológica tem destacado transformações várias nos modos de apropriação a que o café é sujeito. Com efeito, não só o acesso ao seu interior se terá potencialmente democratizado (deixou de ser, obviamente, um local

---

<sup>18</sup> Na afirmação dos cafés como locais de discussão política e social terá desempenhado um papel central não só a burguesia emergente, mas também alguns aristocratas (quantas vezes em decadência) e a aliança tácita que terão feito com as camadas mais instruídas da burguesia.

<sup>19</sup> A emergência e afirmação polémica do café-concerto é disto o melhor exemplo. Para uma abordagem bastante apurada da afirmação histórica deste modelo de café consagrado à música, à canção e à dança, confrontar Condemi (1992).

<sup>20</sup> Se contarmos, do ponto de vista da procura, com as relações de homologia que o poderoso “sense of one’s place” concretiza enquanto operador social e ideológico incorporado, facilmente entenderemos que, do ponto de vista da oferta, dado o tipo de investimento (cuidado, luxuoso e potencialmente *distinto*) no espaço/ tempo de cada um dos cafés, não será de esperar dos seus proprietários comportamentos diferentes daqueles que tendem a reforçar uma prática com a marca de potencial homologia: para espaços que se pretendiam burgueses apenas se queriam burgueses como frequentadores e clientes.

<sup>21</sup> Segundo algumas análises (cfr., nomeadamente, as de Rémy e Voyé (1981) e de Habermas (1974)), este traço tende frequentemente a sobrepor-se àquele que se alicerça na dimensão discursiva sendo interpretado como tributário das mudanças a que a referida esfera pública burguesa tem estado sujeita.

masculino e terá também, embora varie de acordo com a configuração específica de cada espaço/ tempo, deixado de ser exclusivamente burguês e pequeno-burguês), como também terá visto transformada a dimensão política e cultural da discussão manifestada na *conversa de e no café*, numa apropriação mais individualizada. Por outro lado, haverá ainda que reter a diferenciação interna a que o café, inicialmente burguês, tem estado sujeito, tornando difícil, inclusivamente, a referência à sua realidade sem referir o seu carácter plural: mais do que um café, a análise sociológica defronta-se com vários tipos de cafés.

Nascidos nos centros de serviços das cidades e vocacionados para a satisfação rápida de necessidades alimentares - sintetizando originalmente características do café e do restaurante -, os *snack-bars* são um dos produtos de maior profusão da sociedade que nasce com a eclosão da produção industrial em massa. Usado por todos - homens e mulheres, jovens e menos jovens, membros das diferentes classes sociais -, o *snack-bar* é tributário da lógica da sociedade em que surge definitivamente influenciado pela monetarização do tempo: com efeito, “nas sociedades em que o tempo é trocado como uma comodidade, não somente o tempo mas também a vida e o trabalho se tornam divisíveis numa multiplicidade de unidades. (...) isto é importante para reconhecer que não é o tempo *per se* em termos quantitativos mas o valor que lhe é atribuído que interessa” (Adam, 1994: p. 113).

O traço principal das sociabilidades características do *snack-bar* passa pela afirmação de um uso marcadamente funcional. Uma tal apropriação funcionalista, necessariamente promovida pelo(s) proprietário(s), é evidente não só na configuração do

espaço/ tempo<sup>22</sup> - onde avulta uma lógica de tipo calculista em que é privilegiada a utilização de balcão em detrimento das mesas, a abertura nos tempos potenciais de trabalho em lugar de um igual privilégio de potenciais tempos de lazer - mas também no tipo de relacionamento entre proprietário(s)/ empregado(s) e clientes - que, no prolongamento da lógica calculista mencionada, resulta na *taylorização* deste relacionamento, reduzindo o cliente-frequentedor à condição de mero utilizador de um serviço de quem se espera um consumo efectuado no mínimo tempo, libertando rapidamente o espaço ocupado para *dar a vez a outro*, sobretudo em hora de movimento...

O que está em causa com o snack-bar é a negação do estatuto potencialmente intermediário que este poderia ter enquanto espaço/ tempo semi-público, tornando impossível a afirmação no seu interior de estações de co-presença dotadas do mínimo de disponibilidade necessário à estruturação de *interacções não lacunares*<sup>23</sup> : “o homem não recebe do snack qualquer ajuda. Com os seus barulhos, com as suas idas e vindas , ele não possibilita, como o café, possibilidades de reflexão. Por outro lado, as brincadeiras rápidas, os sorrisos convenientes significam (...) que não é necessário introduzir a aflição numa atmosfera neutra. Numa situação de adversidade o homem com preocupações vai então perceber o snack de um modo novo, essencialmente negativo” (Sansot, 1970: p. 15).

A análise sociológica do snack-bar tende, assim e segundo a nossa interpretação, a evidenciar o carácter funcional da estruturação do seu espaço/ tempo e a potencial

---

<sup>22</sup> As análises, mais ou menos avulsas, dedicadas a este aspecto concreto do snack-bar tendem a destacar elementos bem mais negativos do que positivos. referindo-se à apropriação que os jovens da classe operária inglesa fazem destes espaços, Hoggart afirma que os snacks se caracterizam “ por um modernismo horrendo, um luxo de pacotilha, sintoma de um descalabro estético tão completo, que em comparação com esse estilo, a decoração das salas de estar modestas onde vivem a maioria dos seus frequentadores pode ser considerada como fruto de uma tradição tão equilibrada e civilizada como a que se traduz numa casa nobre do século XVIII” (Hoggart, 1973: p. 105).

abolição das estações de co-presença no seu interior vivido rapidamente e de passagem. Comparando com a taberna e o café, aqui não só não é possível encontrarmos traços de um profundo interconhecimento, como a individualização de que se reveste a sua apropriação é sobretudo funcionalizada e lacunar. Haverá, no entanto, que reconhecer a capacidade de difusão que o snack, enquanto modelo, demonstrou e demonstra, contribuindo decisivamente para as mudanças verificadas nas sociabilidades características da generalidade dos espaços/ tempos intermediários: o carácter plural do café a que nos referíamos anteriormente encontra na *snackização* um dos seus principais promotores.

Esta é a fórmula tripartida que, de um modo mais ou menos explícito, podemos encontrar nos estudos sociológicos sobre sociabilidades em espaços/ tempos semi-públicos com carácter de, maior ou menor, lazer intermediário. Contudo, a complexificação a que estas sociabilidades têm estado sujeitas, para além de tornar difícil a sua redução a três grandes tipos, convoca, sobretudo quando aplicada a um território concreto, uma análise mais fina que procure dar conta da estruturação, que se adivinha bastante plural, das diferentes sociabilidades que têm estes espaços/ tempos de feição semi-pública como palco mais ou menos activo.

#### **4. Sociabilidades semi-públicas em espaços/ tempos intermediários da Baixa portuense: uma proposta de leitura**

A análise dos espaços/ tempos semi-públicos da Baixa portuense - local definido pelo o espaço que se centra na Avenida dos Aliados e pelas envolvências de Carlos Alberto, Leões, Santa Catarina e Batalha (Marques et al, 1990: p. 33) e que vê

---

<sup>23</sup> Sobre este assunto, confrontar Cavan (1966) citado em Nochis (1984: p. 108).

transformada a sua apropriação social pela enorme variação que sofrem as práticas sociais que nele decorrem consoante se trate do dia (momento em se assume como região à frente) e a noite (ocasião da sua afirmação como região atrás)<sup>24</sup> - não dispensa a identificação de sociabilidades cujas propriedades são tributárias dos três grandes tipos de espaços que acabámos de apresentar. Contudo, uma tal análise deparar-se-á também com tipos alternativos cujas propriedades estruturais não só participam, em simultâneo, da lógica de alguns dos tipos maiores entretanto assinalados, como também inovam na edificação de novos conjuntos de práticas de sociabilidade. É à apresentação e análise do modo como se estruturam as propriedades de cada um desses espaços/ tempos que nos dedicaremos de seguida.

De acordo com a ordem seguida aquando da apresentação das conceptualizações sociológicas estabelecidas a propósito das sociabilidades semi-públicas em espaços/ tempos intermediários, começaremos por apresentar a nossa apresentação pela análise das sociabilidades tabernais que podemos encontrar na Baixa do Porto, onde as podemos encontrar como parte integrante dos bairros populares, antigos e degradados que existem nas suas imediações.

Regionalizadas atrás, as tabernas da Baixa - ainda que sob a influência snackizante no modo como o espaço se encontra configurado - possuem uma conjugação de propriedades muito próxima do tipo anteriormente descrito. Normalmente dotadas de uma dimensão muito reduzida onde se destaca um balcão, colocado à frente de algumas pipas de vinho (prestes a caírem em desuso), e muito poucas mesas, as tabernas da Baixa são, quase sempre, espaços (repletos de fumo, de odores alcoólicos e odores de

---

<sup>24</sup> A variação da apropriação a que a Baixa é sujeita por parte dos agentes sociais é, inclusivamente, passível de ser medida empiricamente. Os estudos que conhecemos a esse propósito revelam, para além

temperos apurados) fisicamente degradados, densamente habitados - sobretudo durante o fim-de-tarde - até às dez horas da noite de cada dia de semana (para além de fecharem ao Domingo, a estigmatização - quantas vezes juridicamente consagrada - das práticas que decorrem no seu interior impede a sua abertura para além das vinte e duas horas em muitas das freguesias da cidade) e de intensas sociabilidades protagonizadas por homens idosos e de meia idade residentes nas proximidades de cada uma.

A intensidade das sociabilidades é fruto da estruturação de processos de interconhecimento e é plenamente manifestada nas conversas - frequentemente discussões acaloradas e transgressivas com motivações de ordem desportiva - que encontram na bebida, de cerveja para os mais novos e de vinho para os mais idosos, a sua primeira razão de ser. Em algumas tabernas, e sempre que há mesas disponíveis, o jogo de cartas e de dominó - também estes acompanhados de bebidas e, por vezes, pelo *petisco* acabado de fazer - é uma das práticas frequentes, revelando-se aqui, mais uma vez, a estruturação do referido interconhecimento, com a constituição de equipas fixas, a *institucionalização* de pequenos campeonatos ou o reservar do “baralho de cartas do costume, porque o outro está viciado”. O que nos é dado a ver, e não obstante a *gentrificação* dos bairros mais antigos da cidade e a própria *snackização* de muitos dos locais de consumo de bebidas, é a estruturação de *vidas de taberna* avessas às presenças femininas e plenamente mal tratadas nas conversas que a seu propósito produzem todos aqueles que vivem nas suas proximidades e não têm o hábito de as frequentar.

Nestes mesmos território, situados nas imediações da Baixa e nas suas regiões mais atrás, é possível encontrar um conjunto de espaços/ tempos semi-públicos com

---

de uma profunda variação nas horas de maior circulação, a existência de ruas preferenciais onde esta decorre (Cfr. Fernandes, 1989: pp. 33-43).

uma nítida vocação para preencher funções de lazer de cariz intermediário, mas que não podem ser definidos como tabernas - embora com elas partilhem algumas e importantes particularidades - nem como cafés - no sentido clássico do grande café urbano -, e raramente como snack-bares. Referimo-nos aos *pequenos cafés populares* que encontramos, um pouco por toda a parte nestas zonas da cidade, como um outro reduto de intensa sociabilidade - em termos comparativos, pela sua profusão e diversidade conseguem ter uma presença mais intensa do que as tabernas.

Contudo, e tal como as tabernas, os pequenos cafés populares são de pequena dimensão<sup>25</sup> e normalmente estruturados em torno da presença de um grande balcão e de um número de mesas (que quando comparado com o espaço disponível é) elevado. Não escapam, curiosamente, e sob possível influência da estigmatização a que o comércio de bebidas está sujeito nestes locais da cidade, aos constrangimentos nos horários de abertura, fechando muito cedo e raramente abrindo nos potenciais tempos de lazer: aos domingos, por exemplo, o número destes cafés que abre é muito reduzido.

A apropriação social de que estes espaços/ tempos são alvo passa, como nas tabernas, pela afirmação de processos de interconhecimento - que encontram aqui um terreno de eleição, mas que são tributários dos modos de vida dos bairros a que pertencem -solidários do beber em companhia. Contudo, se na taberna este era um processo apenas vivido por homens, aqui não só teremos de acrescentar ao beber uma forte presença do comer interactivo - feito sobretudo nos finais de tarde dos dias da semana de trabalho e durante a tarde de Sábado - como também deveremos reter este cenário como de eleição para agentes de ambos os sexos e de todas as idades: as barreiras à entrada nestes locais passam sobretudo pelo grau de pertença ao bairro de

---

<sup>25</sup>A razão para tal dimensão reside no carácter dominado de que a apropriação económica da habitação nestas zonas da cidade se reveste e de que o acesso aos estabelecimentos comerciais também participa.

quem entra ou procura entrar, já que a barreira dos preços é muitas vezes (ainda que polemicamente) superada quer pela possibilidade de presença - a conversar, a ler o jornal, a ver televisão - sem consumir, quer ainda pela probabilidade forte de obter um *fiado*.

Enquanto forma recente de espaço/ tempo de sociabilidade - existem em grande número há pouco mais de dez ou vinte anos -, estes pequenos cafés são um local dotado de elevada importância não só para a estruturação de locais de lazer intermediário com relevância para as sociabilidades da cidade, como, sobretudo, desempenham um importante papel nas modalidades de recreação a que o quotidiano dos bairros de que fazem parte é votado.

Até aqui temos estado a registar as características das sociabilidades semi-públicas que atravessam a Baixa portuense marcadas pela origem popular (onde se adivinham disposições características dos estilos de vida do *operariado industrial* e das *pequenas burguesias de execução*). Procurar algo mais nas sociabilidades que temos em análise não dispensa a identificação dos cafés da Baixa, nomeadamente os seus (já em pequeno número) *cafés antigos*. Muito semelhantes ao tipo clássico de café burguês - quer por se situarem num centro de produção burguesa, quer ainda por serem fruto da afirmação da burguesia da cidade, bastando, para isso, lembrar a sua história - os cafés antigos são o exemplo da persistência possível dos modos de vida que já foram, e episodicamente ainda vão sendo, da cidade. Pensamos, contudo, que sob a designação mais geral de «café antigo» se esconde uma realidade plural que tem no modo como o espaço se configura apenas um exemplo de uma heterogeneização mais vasta que assume, pelo menos, três grandes tipos: os *cafés* que podemos classificar como *antigos* e dotados de

uma *maior ou menor degradação* espacial e, por vezes, social, os *cafés antigos snackizados*; e os *cafés antigos renovados*.

Nascidos durante o século XIX e na primeira metade do século XX (e destruídos, na sua quase totalidade, durante as décadas de setenta e de oitenta deste último), os cafés antigos da Baixa que resistiram à voragem da especulação imobiliária possuem já poucas das marcas de nascença burguesa, ao ponto de, para além do nome, apenas restarem as grandes dimensões do espaço forrado a madeira e a espelhos como tributo mais claro a um passado glorioso. Bastante degradados, estes cafés assistem ao progressivo desinvestimento a que foram votados pelos seus proprietários, mais preocupados em rentabilizar economicamente o espaço sem recuperarem o que o tempo e o uso degradaram<sup>26</sup>. Por outro lado, quando o investimento existe nem sempre passa pela recuperação das capacidades que muitos dos cafés demonstravam para a ocupação de tempos livres, antes reforça a vertente utilitária e de consumo rápido que prefere a edificação de grandes balcões e a diminuição do número de mesas e de salas de jogo<sup>27</sup>. De resto, esta promoção da apropriação utilitária a que estão sujeitos os cafés antigos (em vias de degradação) da Baixa é bem visível no fecho nocturno e na não abertura aos fins-de-semana (reforçando um processo de regionalização atrás característico da Baixa à noite e ao fim de semana).

Contudo, a degradação física a que os cafés antigos da Baixa se sujeitam não é sinónimo de correlativa degradação social. Com efeito, e ainda que possuam uma apropriação social bastante individualizada (afinal, estamos perante cafés e não perante tabernas), as vidas dos cafés antigos da Baixa definem-se pela estruturação de importante estações de co-presença baseadas, quer na ritualização de comportamentos

---

<sup>26</sup> A acusação que muitos dos empregados de cafés fazem às gerências é a do não investimento no melhoramento das condições do espaço.

<sup>27</sup> São muito poucos os cafés da Baixa que ainda conservam, por exemplo, salões para o jogo de bilhar.

entre empregados e clientes (ilustrada no modo cada empregado tende a prever os consumos de cada um dos seus clientes mais habituais), quer nas conversas (a prática dotada de maior regularidade uma vez perdidos os grupos de reflexão, os espectáculos musicais e as tertúlias) e nas leituras e comentários às notícias de jornal, protagonizadas por homens e mulheres (estas últimas começaram a entrar nos cafés da Baixa no final da Segunda Grande Guerra) de todas as idades, mas onde se destacam os grupos de idosos - a visibilidade deste grupo em alguns cafés é de tal maneira forte que acabam por ser conhecidos como “cafés da terceira idade”.

Devido ao facto de as práticas sociais nestes cafés se configurarem em torno da disponibilidade de presença - que a estruturação de estações de co-presença exige - é, por outro lado, também possível encontrar aqui autênticas salas de estudo para muitos dos estudantes (universitários e outros) da cidade, o que permite a definição destes locais não só como de lazer intermediário, mas também como verdadeiros locais de trabalho. Curiosamente, e segundo aquilo que nos é dado a verificar nas entrevistas a proprietários e empregados, a sobrevivência económica destes locais acaba por ser assegurada e resolvida pela fidelização da clientela estudantil, não sendo, por isso, visíveis em muitos destes espaços os habituais anúncios que proíbem o estudo: a resolução deste problema passa frequentemente por reservar áreas no interior dos cafés a tipos preferenciais de público.

Os *cafés antigos snackizados* prolongam a lógica de rentabilização económica utilitária que se adivinha em alguns dos cafés cujo tipo acabámos de descrever, só que fazem-no despromovendo por completo as possibilidades oferecidas pelo café enquanto quadro de interacção não lacunar: a sua grande dimensão - pense-se no caso de alguns dos mais antigos e tradicionais cafés da cidade que sofreram um tal processo, como a

*Brasileira* e o *Guarany* - é totalmente transformada pela presença de grandes balcões que subvertem a lógica da configuração original do espaço (promovendo a progressiva coexistência, por sinal nada pacífica, de diversos estilos de decoração) e tornam quase impossível a presença de mesas e cadeiras, que, como se sabe, são elementos indispensáveis à construção social do café. Não é pois motivo de grande admiração verificar que estes locais não só se pautam pela abertura preferencial nos tempos vivos da Baixa, como possuem uma organização interna motivadora de uma apropriação muito individualizada e funcionalizada do espaço que, na prática, resulta na taylorização (ainda que passível de ritualizações) das pendularizadas relações entre clientes (de ambos os sexos e de todas as classes e grupos etários) e empregados e numa potencial abolição destes locais como estações de co-presença dotadas de *vida de café*.

Os *cafés antigos renovados* são fruto de um processo recente na história da cidade - um processo que não tem mais de cinco anos -, podendo afirmar-se que a renovação espacial a que foram submetidos resulta também numa transformação profunda da sua apropriação social e dos potenciais protagonistas de uma tal apropriação.

A renovação espacial dos cafés antigos tem passado (pense-se nos casos dos cafés *Aviz*, *Ceuta* e *Majestic*) pela manutenção da mesma estrutura espacial de grandes dimensões - onde se destaca a manutenção do grande balcão e o privilégio das mesas enquanto dimensão principal do café -, com recurso a um investimento na decoração mais ou menos fiel à traça original: se há casos onde tal é claro, como nos cafés *Ceuta* e *Majestic*, noutros este investimento tem passado por adulterações sucessivas que tornam indefinível o estilo privilegiado.

Espaços/ tempos apropriados de forma individualizada, mas onde se espera (dizem os seus proprietários e os seus empregados) que não existam traços do tipo

snackizante no relacionamento entre os agentes que protagonizam o seu quotidiano, os cafés antigos renovados da Baixa desenvolvem-se como estações de co-presença associados à recuperação de uma certa imagem da vida de café entendida como *prática cultural distinta*. Se há cafés antigos onde tal preocupação assume nítidos contornos, outros há onde o seu significado é mais fluído e visível apenas em pequenos detalhes do seu dia-a-dia. Assim, enquanto alguns (dos proprietários) destes cafés pura e simplesmente aumentam os seus preços de uma forma bastante acima da média e revestem estatutariamente todas as contornos da presença no seu interior (pense-se no tipo de louça em que os produtos são servidos, no uniforme dos empregados, no tipo de actividades privilegiadas e no modo como se concretizam, ou nos «eventos culturais» que aqui decorrem), outros promovem a explicitação dos critérios que reservam o «direito de admissão» (com a expulsão mais ou menos evidente de pedintes ou prostitutas), num movimento que revela a estruturação de uma hierarquia de poder material e simbólico definidora dos lugares ocupados por cada um destes cafés.

Assiste-se, deste modo, à edificação de uma vida de café - alicerçada na conversa, na leitura, no estudo e, por vezes, no visionamento de televisão - que privilegia claramente o café como espaço/ tempo de lazer intermediário (ainda que feche ao Domingo). No entanto, esse privilégio faz-se à custa da perda do potencial acesso democratizado que os cafés tinham há muito como seu, sobretudo à medida que, para além dos preços, outras barreiras fazem sentir todo o seu poder (lembramos o vestuário ou as maneiras de estar). É assim que, progressivamente, estes espaços/ tempos passam a ter como protagonistas preferenciais agentes sociais provenientes das burguesias e das novas pequenas burguesias, ainda que os estudantes tenham aqui uma grande e efectiva presença.

Os *snack-bars* da Baixa, quase todos de muito pequena dimensão - as excepções são as confeitarias que entretanto se viram dotadas de propriedades semelhantes às daqueles, mas que ainda conservam o espaço amplo de outrora -, possuem uma característica que os aproxima de forma muito evidente do tipo clássico anteriormente apresentado (e reactualizado nas sociabilidades características dos cafés antigos) contribuindo de um modo muito claro para a abolição da vida de café da cidade e promovendo, a partir do interior do mesmo campo, uma prática quase tão prejudicial aos cafés como aquela que resulta da especulação imobiliária que os obriga fechar.

A registar nesta categoria de espaço/ tempo semi-público a mudança que representa a emergência de um *tipo novo de snack-bar* que se distingue do anterior pelo modo como se realiza o investimento na configuração do seu espaço: não só se privilegiam novas dimensões (quase sempre maiores do que as dos snacks mais tradicionais), como também se recorre a uma apresentação mais cuidadosa do espaço, apelando a decorações mais diversificadas, menos funcionais e dotadas de um registo estético que alinha em formas de cultura “cultivada”<sup>28</sup> - que não chegam, no entanto, para transformarem as características da sua apropriação, resultando num quadro de interacção com efeitos em tudo semelhantes aos do *snack-bar*.

A análise sobre sociabilidades semi-públicas na Baixa portuense defronta-se ainda com a estruturação de, pelo menos, mais um tipo de espaço/ tempo (que parece também vir a dotar-se de uma diferenciação interna com uma configuração do tipo *snackizante*). O tipo de espaço/ tempo aqui em causa, que podemos designar como *café novo*, pode ser enquadrado no âmbito da promoção de um núcleo de sociabilidades semi-públicas de lazer intermediário alternativo, promovido, sobretudo a partir de meados da década

de oitenta, por um grupo de pequenos proprietários (normalmente com formação em artes e letras) contra o movimento *snack* que se encarregava de invadir a grande maioria dos cafés ainda existentes na cidade (na sua origem, estes cafés podem mesmo ser considerados como anteriores ao processo que tem consistido na renovação dos cafés antigos da Baixa).

Herdeiros da tradição dos *pubs* criados nos bairros mais antigos da cidade no início da década de oitenta, mas com um carácter diferente da potencial semi-privatização que aqueles consagram<sup>29</sup>, os cafés novos, começaram por situar-se nos mesmos bairros, tendo progressivamente vindo a aproximar-se da Baixa. Abertos quase todos os dias e fazendo variar a sua vocação com o dia e a noite, estes pequenos cafés são locais de muito pequena dimensão - dotados um elevado número de mesas (quando se as compara com o espaço disponível) - com uma decoração bastante estilizada, a que não será alheia a formação académica dos seus proprietários (os desenhos da transformação dos espaços - antigas carpintarias, lojas de venda a retalho, pequenas oficinas - são quase sempre entregues a arquitectos) que vivem da criação de uma imagem de marca para a «casa» que se espera vir a transformar em local de frequência obrigatória de estudantes e profissionais liberais que estudem ou trabalhem nas suas proximidades.

Ainda que a apropriação e o relacionamento social no seu interior possuam marcas de individualização - estamos, convém lembrá-lo, num café -, é possível encontrar aqui processos de interconhecimento. Estes processos resultam, na grande maioria das circunstâncias, do facto de a deslocação a cada um destes locais ser feita no âmbito do grupo de colegas de escola e de faculdade, sendo, por isso, também muito frequente

---

<sup>28</sup> Sobre esta noção, confrontar Santos (1994: pp. 101 e seguintes).

<sup>29</sup> Na definição do seu carácter potencialmente semi-privado desempenha uma importância relevante a presença do porteiro, que decide quem entra e porque entra...

encontrarmos aqui, para além da satisfação de necessidades alimentares, traços fortes de sociabilidades desenvolvidas em torno do beber interactivo, sobretudo realizado em momentos de festa.

Uma outra dimensão do relacionamento social nestes locais passa pela já mencionada rejeição do fenómeno snack (que se traduz na constituição de uma imagem de marca para a casa) e está relacionada com a dinamização da vertente de oferta de cultural que os seus proprietários procuram ver consagrada como vector importante da estruturação das sociabilidades que aqui se desenrolam. Assim, se num primeiro momento, uma tal vontade é visível e audível na presença contínua (e criteriosamente seleccionada) da música (nem sempre de fundo) como envolvente de todas as interacções, não poderemos deixar de identificar, num segundo momento, o esforço organizado que muitos destes pequenos cafés fazem para oferecerem espectáculos e exposições aos seus clientes. No que diz respeito aos espectáculos é, por outro lado, necessário assinalar que são bem mais frequentes à noite, integrando-se num processo que privilegia esta última como momento mais vocacionado para a oferta cultural institucionalizada.

Estamos, assim, perante a estruturação de estações de co-presença produtoras de uma forma alternativa de sociabilidade que não pode deixar de qualificar-se como de lazer intermediário.

Esta última afirmação não é, no entanto, passível de uma reprodução tão clara quando a aplicamos aquilo que parece ser o resultado de algumas mudanças a que uma parte, ainda não muito significativa, destes espaços/ tempos tem vindo a estar sujeita. Sobretudo motivadas pela mudança de alguns proprietários, alguns destes espaços/ tempos vêm transformado o carácter potencialmente intermediário que possuíam. Com efeito, não só se verificaram mudanças na organização do espaço de alguns destes cafés

(com um aumento substancial da dimensão do balcão e a diminuição do número de mesas ou mesmo a sua supressão), como também se assiste à degradação das decorações (preteridas em favor de recursos mais funcionais), num conjunto global a que se deve acrescentar ainda a abertura exclusiva durante a semana e um fecho nocturno precoce como práticas dotadas de franca regularidade.

Não será, pois, de estranhar que se assista a uma transformação no modo como os relacionamentos se estruturam nestes *cafés novos snackizados* - e se retivermos o modo como os cafés novos reagem contra o fenómeno snack poderemos já verificar como importante poderá ser esta mudança -, já que se passam a encontrar aqui estações de co-presença bastante debilitadas, marcadas por uma evidente perda da dimensão de oferta cultural projectada através da imagem e do nome da casa (reduzida apenas “à música que lá se ouve...”) e pela crescente consciencialização da necessidade de garantir um rápido consumo e a uma ainda mais veloz libertação de espaço para dar lugar a outros...

## **5. Uma sistematização final**

As análises sobre práticas de sociabilidade semi-públicas com carácter de lazer intermediário têm sido frequentemente apresentadas com uma configuração tripartida que as reparte nos espaços/ tempos *taberna, café e snack-bar*. Com base nesta formulação e com recurso a uma abordagem alicerçada na identificação das *propriedades estruturais* características de cada um dos espaços/ tempos identificados, procurámos analisar as sociabilidades semi-públicas da Baixa portuense, tendo retido espaços/ tempos dotados de propriedades próximas das formas clássicas identificadas, mas também tipos alternativos.

O prolongamento da análise permitiu assim apontar para a existência de nove tipos de espaços/ tempos intermediários na Baixa da cidade do Porto, cada um deles dotado de uma forma específica de se afirmar, ou mesmo de se negar, como local de lazer, consoante as práticas que aí decorressem oscilassem entre a estruturação de estações de co-presença - configuradoras de fenómenos como a vida de taberna e as vidas de café -, ou afirmassem a sua abolição potencial - como parece acontecer com os snack-bares e os diferentes cafés e locais de consumo de bebidas determinados pela sua lógica funcional.

**Quadro I:** Tipos de espaços-tempos semi-públicos de lazer potencialmente intermediário característicos da Baixa portuense e respectivas *propriedades estruturais*

Propriedades Estruturais Tipos de Espaços/ Tempos Intermediários	1. Localização preferencial na cidade	2. Configuração do espaço-tempo	3. Modos de apropriação e relacionamento	4. Potenciais protagonistas das sociabilidades
1. Tabernas	Núcleos Antigos e Bairros Populares	Pequena dimensão; presença de balcão; pequeno número de mesas; degradação espacial. Constrangimentos nos horários abertura (motivados pela estigmatização dos locais).	Interconhecimento (promovido também pelo taberneiro): conversação/ discussão, <i>beber interactivo</i> (reforço estigmatizante), refeição quente, linguagem transgressiva, jogo, canções: <i>vida de taberna</i> ; Cfr. Andrade (1991), Hoggart (1973), Costa e Guerreiro (1984), Nochis (1984), Bourdieu (1979).	Sexo Masculino; Grupos etários Envelhecidos; Classes Populares.
2. Pequenos Cafés Populares	Núcleos Antigos e Bairros Populares	Pequena dimensão; presença de balcão; elevado número de mesas (quando comparado com 1. 2.); Constrangimentos nos horários abertura (motivados pela estigmatização dos locais).	Interconhecimento; <i>beber e comer Interactivos</i> (que diminui o potencial <i>estigmatizante</i> ); espaço social colectivo; desenvolvimento de <i>estações de co-presença</i> ; Leitura, visionamento de TV, conversa, discussão; Bourdieu (1979).	Sexos Masculino e Feminino; Grupos Jovens e Envelhecidos; Classes O e PBE.
3. Cafés Antigos (mais ou menos degradados)	Baixa da Cidade e Centros de Serviços	Grande dimensão; presença balcão; número de mesas elevado; investimento na <i>decoreação</i> - estilização “codificada” trazida do passado; Degradação espacial; Fechados em muitos dos potenciais tempos de lazer.	Individualização do espaço social; ritualizações no relacionamento entre “cliente” e “empregado”; desenvolvimento de <i>estações de co-presença</i> : conversa, jogo bilhar, leitura, visionamento TV; fraca estruturação de práticas culturais codificadas (tertúlias, espectáculos musicais, etc.); potencialização de comunicação - <i>vida de café</i> : «cafés de reformados», «cafés de estudantes» Cfr. Bourdieu (1979), Sansot (1971).	Sexos Masculino e Feminino (mas apenas masculino no passado); Diferentes Grupos Etários; Interclassista (hoje, mas Burguês e NPB, no passado) - Grande visibilidade dos estudantes e dos reformados.
4. Cafés Antigos Snackizados	Baixa da Cidade e Centros de Serviços	Grande dimensão; grande balcão (omnipresente e onnipotente); pequeno número de mesas; <i>decoreação</i> : <i>pastiche</i> de diversos estilos; Abertura durante os dias de semana (fecho nocturno).	Aumento do individualismo e do funcionalismo na ocupação do espaço; <i>taylorização</i> da relação cliente-empregado (ainda que passível de ritualizações); impedimento da afirmação de <i>estações de co-presença</i> ; pendularidades; abolição potencial da <i>vida de café</i> .	Sexos Masculino e Feminino; Diferentes Grupos Etários; Interclassista.
5. Cafés Antigos Renovados	Baixa da Cidade	Grande dimensão; balcão (grande); elevado número de mesas; investimento na <i>decoreação</i> (através de recuperação); Abertura dia e noite, mas fechados em muitos dos potenciais tempos de lazer (mas de forma menos intensa do que em 3. 2.).	Individualização do espaço social; ritualizações no relacionamento entre “cliente” e “empregado”; desenvolvimento de <i>estações de co-presença</i> : conversa, jogo bilhar, leitura, visionamento TV; dinamização do espaço enquanto lugar de práticas culturais (associação de formas da cultura “cultivada” à cultura de “massas”); preocupação potencial com função estatutária e <i>distintiva</i> .	Sexos Masculino e Feminino; Diferentes Grupos Etários; Potencialmente Interclassista, mas preferencialmente Burguês e NPB.
6. Snack-bares	Dispersos; Baixa	Pequena dimensão; pequeno número de mesas; grande balcão; <i>decoreação</i> muito diversificada (com recurso diminuto a formas de cultura cultivada); alguma degradação espacial; Abertura durante os dias de semana (fecho nocturno)	Individualismo e funcionalismo no uso do espaço/ tempo; <i>taylorização</i> das relações entre cliente e empregado; impedimento da afirmação de <i>estações de co-presença</i> ; pendularidades; abolição da <i>vida de café</i> ; Cfr. Sansot (1979), Nochis (1984), Cavan (1966)	Sexos Masculino e Feminino; Diferentes Grupos Etários; Interclassista.
7. Snack-bares Novos	Dispersos; Baixa	Pequena dimensão; muito pequeno número de mesas; grande balcão; <i>decoreação</i> muito diversificada; investimento numa <i>decoreação</i> funcional; Abertura durante os dias de semana (fecho nocturno)	Individualismo e funcionalismo no uso do espaço/ tempo; <i>taylorização</i> das relações entre cliente e empregado; muito fortes pendularidades; abolição da vida de café	Sexos Masculino e Feminino; Diferentes Grupos Etários; Interclassista
8. Cafés Novos	Núcleos Antigos	Pequena dimensão; elevado número de mesas (quando comparadas com o espaço existente); balcão; <i>decoreação</i> bastante aperfeiçoada - funciona como <i>imagem de marca</i> da “casa”. Abertura noite e dia durante toda a semana	Individualização uso espaço; traços de interconhecimento (motivados pela frequente deslocação em grupo); beber interactivo (associado às muitas ritualizações festivas); dinamização da vertente de oferta cultural (do lado mais informal - a contínua presença da música - ao mais formal - os diferentes espectáculos e exposições); transformação uso consoante o dia ou a noite; <i>estações de co-presença</i> .	Jovens de Ambos os Sexos; Estudantes e NPB's.
	Núcleos	Pequena dimensão; pequeno número de mesas; grande	Individualismo e funcionalismo no uso do espaço/ tempo; <i>taylorização</i> das relações entre	Jovens de Ambos os Sexos;

9. Cafés Novos Snackizados	Antigos; Dispersos	balcão; decoração estilizada mas muito funcional; Abertura durante os dias de semana (fecho nocturno).	cliente e empregado; presença de alguma estilização práticas (imagem da “casa” projectada através música); estruturação muito ligeira de <i>estações de co-presença</i> .	Estudantes e NPB's que trabalham e estudam nas Imediações.
-------------------------------	-----------------------	---	--	--



## **Bibliografia:**

Adam, Barbara

1994 - *Time and Social Theory*, Cambridge, Polity Press;

Andrade, Pedro de

1989 - “O beber e a tasca, práticas tabernais em corpo vínic”, *Povos e Culturas*, 3, pp. 223-263;

1991 - “A taberna mediática, local reticular de negociações sociais e sociológicas”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 33;

Bourdieu, Pierre

1979 - *La Distinction*, Paris, Minuit;

1992 - com Loïc Wacquant - *Réponses*, Paris, Seuil;

1993 (Org.) - *La Misère du Monde*, Paris, Seuil;

Brito, Joaquim Pais de

1991 - “A taberna: lugar e revelador da aldeia”, O’Neil, Brian; Brito, J.

Pais de (orgs.), *Lugares d’Aqui*, Lisboa, D. Quixote, pp. 167-199;

Certeau, Michel

1990 - *L’Invention du Quotidien, I, Arts de Faire*, Paris, Gallimard-Folio;

Condemi, Concetta

1992 - *Les Cafés - Concerts*, Paris, Quai Voltaire;

Cordeiro, Graça Índias

1991 - “Bases éticas para práticas lúdicas”, O’Neil, Brian; Brito, J.

Pais de (orgs.), *Lugares d’Aqui*, Lisboa, D. Quixote, pp. 203-221;

Costa, A. Firmino

- 1984a - “Alfama: entreposto de mobilidade social”, *Cadernos de Ciências Sociais*, 2;
- 1984b - *O Trágico e o Contraste*, Lisboa, D. Quixote;
- Depaule, Jean-Charles
- s/ data - “L’anthropologie de l’espace”, *Le Courrier du CNRS*, nº 81, pp. 119-120;
- Días, Lorenzo
- 1991 - *Madrid, Tabernas, Bottillerías y Cafés, 1476-1991*, Madrid, Espasa Calpe;
- Elias, Norbert
- 1990 - *O Processo Civilizacional*, 2º Volume, Lisboa, D. Quixote;
- 1992 - *A Busca da Excitação*, Lisboa, Difel;
- Epinay, Ch. Lalive d’et al.
- 1983 - *Temps Libre: Culture de Masse et Cultures de Classes Aujourd’Hui*, Lausanne, Pierre-Marcel Favre;
- Fernandes, José Alberto Rio
- 1989 - “Circulação, peões e ‘Baixa’ - o caso do Porto”, *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, I Série, vol. V, Porto, pp. 33-43;
- Giddens, Anthony
- 1984 - *The Constitution of Society: Outline of the theory of structuration*, Cambridge, Polity Press;
- 1994 - *Modernidade e Identidade Pessoal*, Lisboa, Celta;
- Goffman, Erving
- 1973 - *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne II: Les Relations en Public*, Paris, Minuit;

- 1974 - *Les Rites d'Intéraction*, Paris, Minuit;
- Habermas, Jürgen
- 1984 - *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro;
- Hoggart, Richard
- 1973 - *As Utilizações da Cultura*, Vol. I, Lisboa, Presença;
- 1975 - *As Utilizações da Cultura*, Vol. II, Lisboa, Presença;
- Lefebvre, Henri
- 1968 - *Critique de la Vie Quotidienne*, II, Paris, L' Arche Éditeur;
- Marques, Hélder et al.
- 1991 - *Porto. Espaços e Memórias*, Porto, Afrontamento;
- Nochis, Kaj
- 1984 - *La Signification Affective du Quartier*, Paris, Meridien;
- O'Neil, Brian
- 1991 - "Espaços sociais e grupos sociais no nordeste transmontano", O'Neil, Brian; Brito, J. Pais de (orgs.), *Lugares d'Aqui*, Lisboa, D. Quixote, pp. 141-166;
- Pacheco, Hélder
- 1991 - *Tradições Populares do Porto*, Lisboa, Presença;
- Pais, José Machado
- 1986 - "Paradigmas sociológicos na análise da vida quotidiana, *Análise Social*, 90, pp. 7-57;
- 1993 - "Nas rotas do quotidiano", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 37, pp. 105-115;
- Pereira, Virgílio Borges

- 1994a - “Os dias cinzentos, práticas de sociabilidade nos domingos da Baixa portuense”, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local, Actas do Encontro de Vila do Conde Associação Portuguesa de Sociologia, 1-3 de Abril de 1993*, Lisboa, A.P.S., pp. 379-399;
- 1994b - “Os índios e a vida selvagem, modalidades de (re)produção de sociabilidades no núcleo antigo da freguesia da Vitória”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 4, pp. 231-353;

Pinto, José Madureira

- 1994 - “Uma reflexão sobre políticas culturais”, *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Desenvolvimento Local, Actas do Encontro de Vila do Conde da APS 1-3 de Abril de 1993*, Lisboa, APS, pp. 767-792;

Queiroz, Jean Manuel; Ziotkovski, Marek

- 1994 - *L’Interactionisme Symbolique*, Rennes, PUR;

Rémy, Jean; Voyé, L.

- 1974 - *La Ville et l’Urbanisation*, Genbloux, Duculot;
- 1981 - *La Ville: Ordre et Violence*, Paris, PUF;
- 1994 - *A cidade: rumo a uma nova definição*, Porto, Afrontamento;

Sansot, Pierre

- 1971 - *Poétique de la Ville*, Paris, Kliencksieck;
- 1980 - “Ritualisation de l’espace urbain et de la vie quotidienne à travers le concept de appropriation”, *Vie Quotidienne en Milieu Urbain*, Paris, Centre de Recherche de l’Urbanisme, pp. 501-510;

Santos, Maria de Lurdes Lima dos

1994 - “Cultura, aura e mercado”, in Melo, Alexandre (Org), *Arte e Dinheiro*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 99-134;

Wolf, Mauro

1982 - *Sociologias de la Vida Cotidiana*, Madrid, Ediciones Cátedra.